

Nesta obra, Gilmar Ribeiro nos proporciona um reencontro com José por meio de um enfoque original, diferentemente das especulações convencionais sobre o esposo da Virgem Maria. Ajudando-nos a refletir e a conjecturar a esse propósito, com base nas poucas expressões e palavras do Evangelho, ele nos apresenta com calor a figura de José, mediante um estilo que alia segurança doutrinal e devoção.

Mártir da grandeza

Falei da grandeza de José. Como ela foi recebida pelos homens de seu tempo? Lucas diz: “Ela [Maria] deu à luz o seu filho primogênito, envolveu-o em faixas e o deitou em uma manjedoura, porque não havia lugar para eles na sala dos hóspedes” (2,7).

“Não havia lugar para eles na sala dos hóspedes”. A frase, que se presta a múltiplas interpretações (cf. QUÉRÉ, France. *Marie*. Paris, Desclée de Brouwer, 1996), encerra também uma verdade amarga. Os homens têm uma particular dificuldade em aceitar aquilo que é grande, por causa de sua mediocridade. Por vezes somos levados a achar que o gosto do homem está em tratar com o que é importante, elevado, sublime.

Neste vale de lágrimas, entretanto, a grande tendência do homem não é se apegar à grandeza, nem mesmo à riqueza, e sim à mediocridade — particularmente se há nela um misto de bem e de mal, com um sabor mais acentuado de mal que de bem... Há uma inclinação profunda do homem para o que é banal, concreto, episódico, avessa a toda forma de grandeza e de sublimidade. É a herança que nos vem do pecado!

Então se compreende por que não havia vontade de ceder lugar a Maria e a José. Tanto mais quanto aquele casal, de sangue real, conservava, ao lado de

um aspecto de excelsa bondade, um ar de grande majestade. Era um casal pobre, mas sumamente distinto.

Ora, aceitar que outros tenham distinção com riqueza, vá lá, pois a segunda faz perdoar a primeira, e o interesse em conseguir dinheiro incute uma vontade de bajular, que faz às vezes de respeito. Entretanto, quando se está diante do pobre que tem uma grande distinção, que provém de um grau de virtude assinalada, então se dá a rejeição.

Talvez alguém me pudesse objetar: mas, e se aquele povo soubesse que nossa Senhora estava para dar à luz o menino Jesus?

— Também não receberia o santo casal. O menino Jesus era parecido com nossa Senhora, era seu Filho... “Belo como um relâmpago”, segundo a expressão de uma vidente...

Aquela sociedade não queria nossa Senhora, nem são José, nem o menino. Apetecia a vulgaridade e a riqueza. Ora, a Sagrada Família não tinha nem uma nem outra, pois eram nobres e pobres. Resultado: essa é a primeira recusa do povo, o primeiro momento em que nosso Senhor, já na Terra, por meio de José batia às portas dos homens, sendo recusado.

Em tal rejeição, José encontrava uma grande glória. Ele representava algo que a vulgaridade e o espírito prosaico da sociedade de então detestava. Deu-se aí o primeiro lance de seu martírio: conduzir Maria a uma estrebaria, onde o menino nasceu.

Que são José, mártir da grandeza, do alto do assento celeste que suas virtudes excelsas lhe granjearam, rogue por nós!